



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Entrevista



Educação, cognição e linguagem

Por: Luiz Fernando Dias Pita (magisterpita@gmail.com)⁶⁰

1. (Editor) O Sr. poderia iniciar realizando uma definição dos três conceitos acima como decorrência de sua prática docente?

(Pita) Vou partir de uma perspectiva meio que tradicional, mas pedindo licença pra alterar a ordem dos termos. Então começo pela linguagem, que é o que nos diferencia dos demais primatas: esta seria a capacidade de transformar em códigos (verbal, escrito, semiótico, etc) aquilo que desejamos transmitir. Cognição seria nossa

60 Doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mestre em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e em Letras Hispânicas pela Universidade Federal Fluminense – UFF, na cidade de Niterói graduado em Letras Português-Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. É professor Adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, lecionando Língua Latina. É membro do Corpo Editorial da Revista Eletrônica Tessituras, O Marrare e IF-Sophia: Revista eletrônica de investigações filosófica, científica e tecnológicas. É revisor dos periódicos O Marrare e IF-Sophia: Revista eletrônica de investigações filosófica, científica e tecnológicas. Conquistou o título de *Humaniores Litterae*, emitido pelo Programa de Pós-graduação da UFRJ. É autor de artigos em periódicos científicos nacionais e internacionais, co-autor dos livros “A linha e o corte: tensões e transformações na Antiguidade Clássica e na Cultura Oriental” (2013), “Imagens e miragens: Anais do V Congresso de Letras Clássicas e Orientais” (2011), “Hispanismo 2000” (2001) e “*Universo hispánico: lengua, literatura y cultura*” (2001).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

capacidade de interpretar o mundo a partir de dados recebidos, seja pelo meio, seja através de um dos códigos que mencionei. E Educação seria o processo pelo qual, uma vez que essas interpretações – que são a base para a construção de valores – são transmitidas à sociedade.

2. (Editor) Quais são as correlações entre educação, cognição e linguagem em sua perspectiva?

(Pita) Entre si, elas estabelecem correlações de complementaridade e de retroalimentação. Complementaridade porque necessitam uma da outra para cumprirem seu papel: de nada adianta a linguagem, se o interlocutor não tiver capacidade cognitiva para interpretar a mensagem que nela se transmite; por sua vez, de nada adianta a capacidade cognitiva fazer toda a filtragem e emitir juízo sobre a mensagem, se ela não puder ser preservada para terceiros, constituindo-se assim num arcabouço do tecido social.

3. (Editor) Seria possível afirmar que em certa medida, os resultados educacionais brasileiros estão vinculados a uma questão linguística, no sentido da interatividade pré-escolar do estudante enquanto herança cultural? Justifique.

(Pita) Não só, mas também. Acho impossível vincular nossos (pífios) resultados nessa área a um único fator. Mas uma coisa é certa: nós vivemos uma grande defasagem no tocante à relação ensino-aprendizagem de língua (tanto faz se nacional ou estrangeira). Ao longo dos últimos 30 anos, políticas educacionais oscilantes; "novas" descobertas pedagógicas – que são um belo eufemismo para os modismos da vez -, lacunas terríveis na formação dos professores, enfim, é todo um somatório de causas que nos tem feito patinar horrorosamente nesse quesito.

4. (Editor) Se positiva a resposta anterior, como o Sr. vê o papel da família na consolidação de um certo cabedal cultural pré-escolar, que venha a proporcionar



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ao estudante melhor interatividade com o letramento e a linguagem escolarizada com vistas à mobilidade social?

(Pita) O papel da família sempre é determinante, tanto para o bem quanto para o mal. Cabe, primária e exclusivamente, durante os anos da assim chamada "Educação Infantil", à família incutir na criança a predisposição para o aprendizado, mostrar-lhe que isso é prazeroso e que a escola é a grande, e, de fato, a única garantia de mobilidade social para aqueles que vêm das classes mais baixas. É como uma postagem que li no Facebook outro dia: "Quando se é pobre, a atitude mais revolucionária a se tomar é enfiar a cara no livro."

5. (Editor) Se negativa, a resposta da terceira questão, ao que o Sr. atribui, por exemplo, o fraco desempenho escolar do Ensino Médio brasileiro?

(Pita) Na verdade, as políticas públicas para a educação sempre trataram o Ensino Médio como o "patinho feio": nunca se fez uma política de longa duração voltada para a área, nunca se conseguiu definir inequivocamente se o seu caráter é profissionalizante, ou de formação geral. Então houve, ao longo do tempo, uma série de oscilações quanto ao assunto. Aqui no Rio, por exemplo, era proibido, até 1982, que se criassem escolas de EM que não tivessem cursos profissionalizantes. Daí, não se criavam escolas. Depois, passaram a permitir escolas de EM de formação geral, mas começou-se a exigir que os professores dos profissionalizantes tivessem licenciatura! Ora, um contador de boa qualidade não vai fazer um curso de licenciatura para receber o salário aviltante de um professor da rede pública, mas esse salário poderia ser interessante para um marceneiro que se dispusesse a ensinar sua profissão – de que hoje há uma falta enorme no mercado. Enfim, foi se (des)construindo um sistema de EM que, ainda que de forma subalterna, inseria muitos jovens no mercado de trabalho, em prol de um sistema que serve apenas para descaracterizar o EM enquanto



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tal.

6. (Editor) O Sr., como professor de Letras encontra que realidade nos estudantes dessa graduação quanto às duas questões anteriores?

(Pita) A gente que trabalha com a graduação pega essa rebordosa toda! Nos últimos anos, o Ensino Superior tem sido inflacionado com alunos que, lamentavelmente, receberam uma péssima formação no EF, continuaram assim no EM, e, para terminar, têm encontrado uma política de portas abertas na graduação. Não me entenda mal: sou plenamente a favor dessas políticas, mas, sem que uma reformulação pesada e consistente dos dois níveis anteriores (EF e EM), só o que eu vejo é uma enxurrada de alunos despreparados entrando nas universidades. Alunos que, e sinto dizer isso, mais do simplesmente despreparo, tampouco têm perfil para a vida acadêmica, e muitos deles concordam comigo quando lhes digo que muitos não estariam ali se tivessem tido a oportunidade de ter cursado um EM realmente profissionalizante, que lhes permitisse, de fato, disputar seriamente uma vaga no mercado de trabalho, ao invés de passarem mais 4 ou 5 anos numa graduação.

7. (Editor) É possível afirmar que a cognição humana está ligada ao uso da linguagem, como se esta fosse, em certa medida, como afirmam alguns psicólogos e físicos, o modo pelo qual o humano estabelece e se relaciona com sua realidade?

(Pita) Penso que sim. Se prestarmos atenção, veremos que, durante os anos de aquisição da linguagem, a criança não está aprendendo apenas o vocabulário, mas sim a como organizá-lo em sua mente. E é curioso que, quando a criança aprende uma palavra sem saber o que significa, ela cria uma imagem mental do que ela imagina ser aquilo, isso porque ela precisa, intuitivamente, fazer uma correspondência entre um significante (a palavra) e o significado (o que ela representa), porque, sem isso, ela trava e não consegue organizar seu discurso. Só anos mais tarde é que ela será capaz



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de usar uma palavra sem ter ideia precisa do que significa. Não foi à toa que os gregos, já conscientes disso, usaram o termo "συνταξι" (syntaxe) que significa "ordem, organização", para referir-se ao processo de organização de um discurso. Isso mostra que a linguagem não deve ser entendida apenas como aquilo que nos permite dizer algo; mas como o sistema que organiza, no nosso cérebro, a forma como as informações serão recebidas, decodificadas, processadas, organizadas e, se e quando necessário, utilizadas e/ou retransmitidas, através do discurso. Enfim, ela não determina apenas *se* podemos, mas, e no meu entender isso é primordial, o *como* podemos travar qualquer relação com a realidade exterior.

8. (Editor) O Sr. vem se dedicando à tradução de obras científicas e filosóficas do Latim para o Português. Qual tem sido o foco de seus últimos esforços nesse particular?

(Pita) Tenho focado na tradução de textos científicos e filosóficos latinos desde que me dei conta de que muitos textos com esse perfil permanecem sem tradução para o português; ou, quando a têm, foram traduzidos indiretamente, ou seja, a partir da versão em inglês, em francês, etc. Outra razão é o fato de que o quadro da historiografia das ciências é bastante incompleto, justamente pela ausência desses textos. Veja, estou acabando de traduzir um texto de Galileu sobre a gravidade em que ele constrói, com décadas de antecedência, os princípios de cada uma das leis de Newton! Só faltaram as fórmulas!

Acabei também de terminar o prefácio de uma tradução que fiz há já uns dois anos, de um texto chamado "*Octavius*", escrito por Minúcio Félix no século II, e que tenta traduzir as ideias e crenças cristãs para o universo cultural greco-latino, e acaba nos mostrando que, na visão dos filósofos cristãos desse tempo, o Cristianismo era não uma ruptura, mas a continuidade natural do processo filosófico no Mundo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Antigo. E ainda há muito que desvendar por aqui, com certeza o quadro de nosso desenvolvimento intelectual é muito mais rico do que se imagina.

9. (Editor) Qual é a expectativa para o lançamento dessa obra?

(Pita) Para o *Octavius*, só me falta mandar o texto pra editora, e espero que ele saia online ainda em 2014; quanto a este do Galileu, pretendo, assim que pronta a tradução, encaminhá-la a dois colegas de Física e Filosofia aí do IFPR, para fazermos um artigo em conjunto, analisando o texto sob as diferentes óticas do filósofo, do físico e do latinista.

10. (Editor) Acredito que desde a década de 1970 o Latim foi retirado do Currículo do Ensino Médio de formação geral e técnico, permanecendo, creio, apenas em algumas escolas confessionais, seminários, no Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro e, talvez, no Colégio Militar. Ao mesmo tempo, no início da década de 2000 houve na mídia uma curiosa reportagem que afirmava que nos Estados Unidos o Latim foi solicitado por estudantes e suas famílias para que fosse ensinado no equivalente ao Ensino Médio brasileiro. Como o Sr. avalia a questão do ensino do Latim em nossas escolas e se favorável, que contribuições o sr acredita que a língua do Lácio traria à formação do estudante brasileiro?

(Pita) O latim foi retirado do currículo das escolas em 1961, tendo sido mantido apenas no Colégio Pedro II até 1996, quando foi retirado da grade curricular por força da nova LDB – que estabelece o aprendizado de línguas estrangeiras modernas. Sobre isso, tem até uma história engraçada na família: meu pai ficou reprovado em latim na 8ª série, em 1960. Daí, em 1960, ele teve que cursar novamente todas as disciplinas em que tinha sido aprovado, mas não aquela que o reprovava, por que esta já não era mais ensinada. Nem preciso dizer que o velho odiava latim com todas as forças, né? O que acontece é que o latim desenvolve, e muito, a capacidade de raciocínio lógico do indivíduo, uma vez que obriga o cérebro a pensar não apenas em



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

significados, mas também a construir uma série de relações estruturais entre eles (Aliás, esse é o ponto mais difícil ao se ensinar latim, hoje, uma vez que aluno sai do E. Médio sem ter aprendido a raciocinar com os devidos rigores da lógica, o nosso desempenho nas Olimpíadas de Matemática, Ciências e similares que o diga... No Brasil, haveria um enorme ganho com o retorno do latim ao ensino fundamental ou médio, uma vez que esse desenvolvimento nas capacidades cognitivas do aluno seriam refletidos em praticamente todas as outras disciplinas. Foi isso que os norte-americanos perceberam ao pleitearem maior ênfase no ensino do latim – Os EUA são o país com a maior carga horária de latim no Ensino Médio, no mundo -, o que eles estão fazendo, na prática, é elevar o QI médio de sua população!

11. (Editor) Sabe-se que o Sr. vem se dedicando há algum tempo ao estudo, ensino e ao movimento do Idioma Internacional Neutro – Esperanto. O que o Sr. pode falar a respeito?

(Pita) O Esperanto é, pra mim, um passo na direção certa para resolvermos grandes problemas do mundo, possibilitando uma base igualitária e sem barreiras para qualquer cidadão do planeta travar diálogo com qualquer um. Além disso, é uma língua que se aprende mais rapidamente que qualquer outra e que te abre portas em qualquer país do mundo – o que significa que seu tempo e sua mente ficam liberados para outras coisas! É ainda o veículo de uma cultura fantástica, totalmente sem fronteiras. Após uma pesquisa na internet, você mesmo poderá perceber que existem encontros, congressos, reuniões de grupos com todos os tipos de interesse, além de literatura, música, cinema... enfim, o Esperanto é um barato!

12. Como se organiza o movimento esperantista no Brasil e no mundo?

(Pita) Vamos estabelecer uma diferença, ok? Há o movimento e há a comunidade esperantista, o primeiro se organiza dentro de uma lógica piramidal: clubes locais, associações estaduais, federações nacionais, como a Liga Brasileira de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Esperanto, e, por fim, a UEA (Associação Universal de Esperanto). Essas organizações é que fazem divulgação e ensino do idioma, atuam juntos a governos e instituições de ensino, esse tipo de trabalho. Além dessas, existe a Akademio de Esperanto, que é quem cuida da língua em si, mais ou menos como a Academia Brasileira de Letras também faz.

Contudo, com a internet e tal, vem surgindo cada vez mais aquele tipo de esperantista que estuda a língua, lê livros, tem amigos com quem usar o idioma, escuta rádios, ouve música, mas que não necessariamente participa do movimento. Essa comunidade esperantista tem crescido de maneira fantástica, mostrando que o Esperanto está longe de ser considerado uma língua morta, como alguns dizem por aí...

13. (Editor) Que facilidade apresenta o Esperanto quanto à aprendizagem, em relação aos idiomas nacionais?

(Pita) Quando ensinado de maneira correta, na idade apropriada, o Esperanto funciona como um acelerador de aprendizagem. Veja, um aluno que comece a estudar Esperanto ali pelo 4º ano, e, digamos, espanhol ou inglês no 5º, com certeza vai estar fluente nesse segundo idioma já no 7º! Enquanto aquele outro, que não teve esse ensino prévio, vai levar mais uns 2 anos até atingir o mesmo nível. Ou seja, você pode ter 2 idiomas em 3 anos (esperanto e espanhol, p. ex.), ou apenas um em 4. Até a Matemática está a favor do Esperanto, certo?

14. (Editor) A proposta esperantista é a de ser um segundo idioma de todo cidadão do mundo. Como o Sr. vê isso em sua vivência no movimento?

(Pita) Aprendi Esperanto há cerca de 30 anos, ainda na adolescência, numa época antes da internet, do celular, etc; e você não pode imaginar o que era ter amigos no exterior, trocar cartas com gente de diversos lugares, até de países que nem



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

existem mais, como a URSS e a Alemanha Oriental! Você se sentia parte de um todo muito maior que seu bairro, cidade ou mesmo país. Você se sentia um *terano* (habitante do planeta Terra), e mesmo com todo o avanço tecnológico que tem havido, isso não mudou. Quase todo dia bato papo no Skype com gente de tudo que é lugar, tenho amigos em praticamente todos os cantos do mundo, etc.

Mas tem outra coisa, tão ou até mais importante que isso: conseguimos driblar solenemente esse bloqueio mental que a mídia promove com relação a certas questões e países, p. ex., tenho diversos amigos esperantistas em países dos quais a mídia só fala mal, tipo Rússia, Irã, etc. e outros de quem só se fala bem, tipo EUA, União Europeia e Japão. E é através desses amigos, pessoas do povo como eu e você, que descubro muitas verdades que a mídia prefere esconder sobre o lado bom dos primeiros e o lado ruim dos segundos. Isso, que só o Esperanto poderia proporcionar, isso, posso te garantir, me dá uma percepção de mundo muito diferente.

15. (Editor) É possível afirmar que o Esperanto colabora para uma formação educacional humanística e voltada para a paz, em torno do conceito de homem integral? Em que medida?

(Pita) O movimento esperantista é muito rico e diversificado, tendo gente de todas as idades, raças, crenças e ideologias. Daí se pode imaginar que deveria haver disputas ferrenhas sobre praticamente tudo... e há! Até porque a paz não significa necessariamente a ausência de disputas, mas a garantia de que elas aconteçam dentro dos limites do respeito mútuo, de observância aos direitos humanos, enfim. Aliás, o Esperanto é neutro sobre tudo, desde que os direitos humanos sejam preservados. Bom, a diferença é que, em Esperanto, as disputas já começam num pé de igualdade, pois ninguém é estrangeiro ali – e, do ponto de vista do planeta, ninguém é mesmo! – e isso garante que já se comece com algo que não se vê quando essas situações acontecem em outras línguas: o respeito pelo outro. Ninguém é diminuído,



$I\Phi$ -Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desconsiderado ou humilhado por ser estrangeiro, já que todos são (e isso equivale a dizer que ninguém é). Se o respeito às diferenças não for o primeiro passo, uma condição *sine qua non* para uma cultura de paz, então alguém me explique que cultura é essa...